

CAP 1 ANTIGUIDADE ORIENTAL OS PROVÉRBIOS E O LIVRO DA SABEDORIA

Ramiro Marques

A identificação dos ideais pedagógicos do Povo Abreu do Antigo Testamento exigem uma leitura dos Livros Sapienciais.

Os Livros Sapienciais são os cinco livros do Antigo Testamento, conhecidos pelos nomes de Provérbios, Job, Coélet ou Eclesiastes, Ben Sirá ou Eclesiástico e Sabedoria, para além dos dois livros poéticos, os Salmos e o Cântico dos Cânticos.

Estes livros agrupam uma sabedoria de séculos, resultante de muita meditação e reflexão sobre a experiência concreta da vida, apelando a uma aprendizagem pelo exemplo e pelo testemunho e não pela acumulação de conhecimentos. Neste capítulo, iremos proceder a uma análise dos ideais pedagógicos que percorrem o Livro dos Provérbios e o Livro da Sabedoria.

Embora o Livro dos Provérbios seja atribuído ao rei Salomão (950 a C.), devido à sua fama de sábio, a verdade é que os provérbios pertencem a nove colecções diferentes, compiladas e escritas durante vários séculos.

Como habitualmente, o Livro dos Provérbios começa com um prólogo: a sabedoria é necessária à vida boa. Depois de referir que os Provérbios são da autoria do sábio rei Salomão, filho de David e rei de Israel, é dito que os mesmos se destinam a dar conhecimento da sabedoria e da disciplina às gerações vindouras: "Provérbios de Salomão...para conhecer a sabedoria e a disciplina; para entender as sentenças profundas; para adquirir disciplina e sensatez, justiça, direito e rectidão; para ensinar sagacidade aos ingénuos, conhecimento e reflexão aos jovens" (1)

Na curta introdução geral, faz-se uma justificação da obra: dar a conhecer às novas gerações a sabedoria dos mestres, uma sabedoria baseada na experiência humana do passado, plasmada numa tradição cultural que é preciso conhecer e respeitar. De acordo com a tradição das civilizações do Médio Oriente Antigo, a família constitui o primeiro núcleo onde a aprendizagem se realiza, no qual a figura e o exemplo pai são determinantes. A par da família, vêm as companhias e os vizinhos, que podem exercer um efeito benéfico ou um efeito destrutivo na educação das crianças. É por isso que é uma presença constante nos Livros

Sapienciais do Antigo Testamento a ordem: afasta-te das más companhias!

Embora a sabedoria seja transmitida no quadro da família, há a percepção nítida de que é Deus quem dá a sabedoria: "Meu filho, se aceitares as minhas palavras e conservares os meus preceitos, dando ouvidos à sabedoria e inclinando o coração para o entendimento; se invocares a inteligência e chamares o entendimento; se procurares a sabedoria como se procura o dinheiro e a buscares como um tesouro escondido, então entenderás o temor de Javé e alcançarás o conhecimento de Deus. De facto é Javé quem dá a sabedoria, e da sua boca vêm o reconhecimento e o entendimento. Ele reserva a sensatez para os rectos. Ele é escudo para os que se comportam com integridade. Ele vigia as estradas do direito, e guarda o caminho dos seus fiéis" (2).

Para os Hebreus dos séculos IX, VIII, VII, VI e V a C., não era possível adquirir a sabedoria no isolamento de uma biblioteca ou na solidão do contacto com os livros. A sabedoria transmitia-se oralmente e adquiria-se pela excercício da memória, num contacto continuado com os contadores de histórias, numa partilha cúmplice com as narrativas da família, da tribo e do povo. A inteligência do povo era vista como mais sábia do que a inteligência individual porque da solidão e do isolamento nada de bom se poderia esperar. O aluno não era ainda visto como um agente autónomo, nem a infância era percebida como uma etapa distinta da vida. Tal como a sabedoria individual era sempre considerada inferior à sabedoria do povo, também a sabedoria humana era sempre inferior à sabedoria divina.

A aprendizagem realizava-se pelo contacto com os mais velhos, pela imitação daquilo que os adultos faziam e, sobretudo, pela audição atenta da palavra dos mestres e quando necessário, fazendo-se apelo à correcção, à repreensão e aos castigos. Tal como Javé castigava o povo quando este se afastava dos seus ensinamentos, também o pai e o mestre tinham o dever de repreender os filhos e os alunos quando estes se distanciavam das suas palavras, instruções e ordens.

A aprendizagem da sabedoria é o único caminho para a vida boa, ou seja, para levar uma vida conduzida pelas virtudes e que leva à justiça e à felicidade. E o conhecimento desse caminho implica saber ouvir e cumprir os ensinamentos dos mestres: "Meu filho, está atento às minhas palavras e dá ouvidos aos meus conselhos. Nunca os percas de vista e guarda-os no teu coração. Pois eles são vida para quem os encontra e saúde para o teu corpo. Acima de tudo, guarda o teu coração, porque dele brota a

vida. Preserva a tua boca da maledicência e afasta de ti a falsidade dos lábios falsos" (3). De comum com a tradição dos manuscritos do Egito Antigo, a reverência pela virtude do silêncio, o cuidado extremo com o uso das palavras e a oposição feroz à maledicência, ao boato, à calúnia e à blasfémia.

A primeira regra de uma boa pedagogia é obedecer: "caso contrário, vais lamentar a tua sorte, quando a carne do teu corpo se consumir. Então dirás: porque desprezei a disciplina e rejeitei a correcção? Não dei atenção aos meus mestres, nem dei ouvidos aos meus educadores. Por pouco não cheguei ao cúmulo da desgraça no meio da comunidade e da assembleia" (4). Quem obedece à sabedoria divina, tornar-se-á sábio, quem se afasta da sabedoria divina, arruinar-se-á, porque a vida é filha da sabedoria e a morte da falta dela.

Para os Hebreus do Antigo Testamento, a falta de sabedoria era sinónimo de insensatez e, como a falta de senso andava acompanhada da irresponsabilidade e imprudência, só a sabedoria permitia uma vida feliz.

Qual é a origem da sabedoria? Será ela apenas o fruto dos conhecimentos produzidos pela experiência humana, ou é muito mais do que isso? À semelhança das respostas dadas por todas as civilizações pré-clássicas do Médio Oriente, os Hebreus afirmavam: "Javé criou-me como primeiro fruto da sua obra, no começo dos seus feitos mais antigos. Fui estabelecida desde a eternidade, desde o princípio, antes que a Terra começasse a existir" (5).

O Livro dos Provérbios inclui uma extensa colecção de "palavras dos sábios", inspirada directamente no conhecimento do livro egípcio, datado de mais de 1000 anos antes da era cristã, atribuído a Amenemope. São máximas e adágios que procuram orientar os egípcios na sua vida diária. O livro egípcio Instrução de Amenemope foi, sem dúvida, uma das influências dos textos sapienciais do Antigo Testamento e mostra-nos que existiu uma linha de continuidade entre os ideais pedagógicos do Império Novo do Egito Antigo e os ideais do Povo Hebreu vários séculos antes da era cristã. As instruções sobre a virtude do silêncio, tão comuns e tão valorizadas em todas as civilizações antigas do Médio Oriente, os conselhos sobre o comportamento a ter no tribunal, o modo de tratar os fracos, os deficientes, os idosos, as viúvas e os órfãos e as preocupações com a piedade pessoal, fazem desse livro egípcio um repositório de sabedoria prática que, ainda hoje, mantém toda a actualidade (6).

A lista de trinta provérbios que integra a palavra dos sábios tem abundantes referências à educação: "Disciplina a tua mente e presta atenção aos conselhos da experiência" (7); "Não deixes de disciplinar o jovem. Se o corrigires com vara, ele não morrerá. Quanto a ti, corrige com vara o jovem e livrá-lo-ás da morte" (8); "Meu filho, se te tornares sábio, eu alegrar-me-ei. Ficarei muito contente quando os teus lábios falarem com rectidão" (9); "Dá ouvidos ao teu pai, porque ele te gerou, e não desprezes a velhice de tua mãe. Compra a verdade e não vendas a sabedoria, a disciplina e a inteligência" (10); "É melhor ser sábio do que ser forte, e o conhecimento vale mais do que a força. É com estrategemas que se faz a guerra e a vitória depende do número de conselheiros" (11).

Uma análise semântica destes provérbios leva-nos a concluir que o ideal educativo do Povo Hebreu, na época em que o Livro dos Provérbios foi escrito, acentua a obediência à palavra dos mais velhos e dos mestres, o respeito pela tradição, o valor da disciplina e da obediência e a preponderância da inteligência face à força física.

O Livro da Sabedoria é, por ordem cronológica, o último livro do Antigo Testamento. Embora atribuído a Salomão, devido à fama de grande sábio do rei hebreu do século IX a C., sabe-se que o verdadeiro autor da Sabedoria foi um judeu de Alexandria que viveu no século I a C. e que o terá escrito pelo ano 50 a C. Convém lembrar que Alexandria era uma das mais importantes cidades da Antiguidade, vivendo nela cerca de 200 mil judeus. Alexandria era, naquela época, um importante centro da cultura helenista e exercia um enorme fascínio nos judeus cultos de Alexandria. A adesão à língua e cultura gregas levou muitos judeus a perderem a fé e a identidade cultural hebraica. O autor pretende confrontar a sabedoria hebraica com a sabedoria grega, mostrando a superioridade espiritual da primeira.

A sabedoria divina é superior à sabedoria humana, mas esta é dada a conhecer pelo próprio Deus que se debruça sobre a Humanidade, iluminando-a. Como Dom de Deus, está a acessível a todos, mas para a adquirir é preciso humildade e fé. Deus, fonte de todo o conhecimento, faz desabrochar o bom senso interior do homem: "A sabedoria é resplandecente, não murcha, mostra-se facilmente àqueles que a amam. Ela deixa-se encontrar por aqueles que a buscam. Ela antecipa-se, revelando-se espontaneamente aos que a desejam" (12). Para aceder à sabedoria, basta abrir-se a ela, deixar que a luz de Deus penetre na nossa mente e no nosso coração. A aprendizagem é produto do desejo de instrução.

O que é a sabedoria e qual é a sua origem? "Vou dizer-vos o que é a sabedoria, e qual a sua origem. Não esconderei os seus mistérios. Investigarei as suas manifestações desde o princípio da Criação, colocarei a descoberto o seu conhecimento, sem me desviar da verdade. Não vou caminhar com os que se consomem de inveja, pois esta nada tem em comum com a sabedoria. O grande número de sábios é que salva o mundo, e um rei sábio traz prosperidade ao povo. Deixai, portanto, que as minhas palavras vos instruam, e delas tirareis proveito" (13). O verdadeiro autor do Livro da Sabedoria coloca o rei Salomão, o exemplo máximo do rei sábio, a falar: "Amei a sabedoria mais do que a saúde e a beleza, e resolvi tê-la como luz, porque o seu brilho nunca se apaga. Com ela me vieram todos os bens, e nas suas mãos há riquezas incalculáveis" (14).

Para os hebreus, como para os restantes povos do Médio Oriente Antigo, Deus era a fonte da sabedoria. Essa tese teve os seus continuadores no pensamento cristão da Alta Média, com destaque particular para Santo Agostinho. Oíçamos o autor do Livro da Sabedoria: "Deus me conceda falar com propriedade e pensar de forma correspondente aos dons que me foram dados, porque Ele é o guia da sabedoria e o orientador dos sábios...Ele concedeu-me o conhecimento exacto de tudo o que existe, para eu compreender a estrutura do mundo e a propriedade dos elementos, o começo, o meio e o fim dos tempos" (15).

A sabedoria é apresentada como participação nos mistérios de Deus, porque sai de Deus e penetra todas as coisas e todos os seres. No Novo Testamento, esta ideia será identificada e expressa pelo Espírito Santo.

No Livro da Sabedoria, a sabedoria é tida como o maior bem, o instrumento da salvação e da felicidade, acessível a todos os que queiram ouvir e obedecer à palavra de Deus. A educação era um assunto da família e das sinagogas: estava indissolivelmente ligada à teologia e à religião.

Não é por acaso que o Livro da Sabedoria termina com um convite à sabedoria, aconselhando a sua aquisição e a sua compra, se necessário, porque ela traz ouro em abundância: "Na minha juventude, antes de viajar, na minha oração procurei abertamente a Sabedoria. Pedi-a a Deus no Templo e vou procurá-la até ao fim" (16). Mais uma vez, o autor refere que é no Templo que se adquire a sabedoria porque esta vem de Deus. E o autor é explícito na forma como ela se adquire: "Inclinei um pouco o ouvido para a receber, e acabei por encontrar ensinamento abundante" (17).

Notas

- 1) **Provérbios**, 1, 1-7
- 2) Idem, 2, 1-9
- 3) Ibid., 4, 20-25
- 4) Ibid., 5, 11-14
- 5) Ibid., 8, 22-24
- 6) Ver a este propósito Carreira, J. N. (1994). **Filosofia Antes dos Gregos**. Mem Martins: Publ. Europa-América
- 7) **Provérbios**, 22,12
- 8) Idem, 22, 13
- 9) Ibid., 22, 15
- 10) Ibid., 22,22
- 11) Ibid., 23, 5-6
- 12) **Sabedoria**, 6, 12-14
- 13) Idem, 6, 22-25
- 14) Ibid., 7, 10-11
- 15) Ibid., 7, 15-19
- 16) Ibid., 51, 13-15
- 17) Ibid., 51, 16-17